



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ALGUMAS RESSIGNIFICAÇÕES DA CAPOEIRA NA CIDADE DO RIO
GRANDE/RS*

**Carolina de Souza Amaral¹
Tatiana Teixeira Silveira²
Raquel da Silveira³**

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa realizada na cidade do Rio Grande que investigou elementos culturais da capoeira, buscando entender como é praticada e através de quais símbolos se estabelece. Por ser um dos patrimônios da cultura imaterial do Brasil é relevante refletir sobre as discussões que a cercam, para isso buscou-se contribuições teóricas no campo dos Estudos Culturais. Pretende-se apontar a constituição dessa prática na cidade e o que foi possível resgatar de sua memória. Como elemento de coletas de dados utilizou-se diários de campo das rodas de capoeira e entrevistas com personalidades que constituem a Capoeira na atualidade.

Palavras-chaves: capoeira, cultura, cidade do Rio Grande/RS.

ABSTRACT

This is part of a survey conducted in Rio Grande city which investigated the cultural elements of capoeira, trying to understand how it is practiced and symbols through which it provides. As one of the intangible heritage of culture of Brazil is relevant to reflect on the discussions that surround it, for it was sought to theoretical contributions in the field of Cultural Studies. We intend to indicate the formation of this practice in the city and what was possible to rescue his memory. As part of the collection of data was used field diaries of capoeira and interviews with personalities who constitute the Capoeira today.

Keywords: capoeira, culture, Rio Grande / RS.

A capoeira como objeto de pesquisa

Este texto é parte de uma pesquisa que está sendo realizada sob a forma de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física, que utiliza de observações, diários de campo e entrevistas como elementos metodológicos⁴ para investigar como se constitui a cultura da capoeira na cidade do Rio Grande/RS. Essa temática será tratada nesse texto em diferentes

¹ Aluna do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande. krolzinhamaral@yahoo.com.br.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação UFPR, professora do IFRS/Campus Rio Grande

³ Professora Mestre do Curso de Educação Física/FURG

⁴ Para a realização deste estudo foram utilizadas técnicas de coleta de dados como observações, diário de campo, entrevistas e fontes imagéticas que favoreceram o mapeamento das ressignificações da cultura da capoeira na cidade do Rio Grande. Buscou-se elementos metodológicos que contribuíssem para um mapeamento das práticas da capoeira na cidade do Rio Grande, uma vez que a intenção é perceber como essas práticas tem acontecido na contemporaneidade, por todas as maneiras que elas possam ser vistas e interpretadas. Para isso, a diversidade de recursos, as fotos, os vídeos das aulas e das rodas que foram assistidas, os diários de campo, as entrevistas, são fundamentais para que possamos “mapear” nosso objeto.

momentos, o primeiro diz respeito à Capoeira como objeto de pesquisa, o porque da escolha desse tema e suas relações com o local onde foi realizada a pesquisa, em segundo lugar a Cultura da capoeira que vem sendo explicada sobre um conceito de cultura e sua inserção no campo dos Estudos Culturais, suas ressignificações e uma discussão sobre os elementos e classificações em torno de tal prática e por fim a apresentação de alguns dados sobre a Capoeira na cidade do Rio Grande.

O reconhecimento da capoeira enquanto patrimônio da cultura imaterial brasileira tem sido uma luta de seus praticantes desde 1936, para que o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) a registrasse como tal. Para isso, era preciso que a capoeira se enquadrasse em uma das categorias listadas⁵, ao contrário do que o SPHAN exigia, a capoeira era considerada crime pelo Código Penal (OLIVEIRA e LEAL, 2009), foi apenas no ano de 2008 que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAM) reconheceu culturalmente esta prática, assim como seus praticantes desejavam.

Após tantos anos de luta e resistência contra as discriminações, atualmente a capoeira está presente de diversas formas no cotidiano dos brasileiros, sendo reconhecida culturalmente por todo o país e no exterior, o que a torna um símbolo de identidade nacional. Como forma de manifestação cultural e corporal a Capoeira é discutida principalmente pela História “tendo como referencial de investigação os trabalhos de memorialistas do século XIX e a primeira metade do século XX, interessados nas tradições populares e matrizes africanas” (OLIVEIRA e LEAL, 2009, p.27).

Há alguns anos a Educação Física tem se apropriado desse conteúdo para suas publicações, porém suas discussões, por vezes, ficam reduzidas aos processos históricos e pedagógicos dessa prática.

A exemplo disso, Almeida et al (2008) fizeram uma análise de 22 artigos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) desde 1979 até 2006, e apontam que as publicações tratam da capoeira numa perspectiva de conteúdo do ensino, mensuração das qualidades físicas, relatos de experiência profissional. Contudo, considera-se interessante discutir esta cultura a partir de outros pontos de vista que não se baseiem apenas em processos históricos, pedagógicos ou físicos.

A relevância em discutir as práticas da capoeira bem como as “maneiras de fazer” encontradas nela dá-se pelo fato desta prática estar “cada vez mais presente em muitas outras esferas sociais, desde os palcos de teatro e salas de cinema aos anúncios de publicidade.”

5 As categorias listadas pelo SPHAN eram: 1- Arte Arqueológica; 2- Arte Ameríndia; 3-Arte Popular; 4- Arte Erudita Nacional; 5-Arte Erudita Estrangeira; 6- Artes aplicadas Nacionais; 7- Artes aplicadas Estrangeiras. (OLIVEIRA e LEAL, 2009, p.45).

(VIEIRA e ASSUNÇÃO, 2008, p. 10). Assim, a capoeira faz parte da cultura e do cotidiano dos brasileiros, devendo ser abordada e discutida sob diferentes paradigmas.

Portanto, o pouco referencial teórico sobre as prática da capoeira na cidade do Rio Grande é outro aspecto que fundamentou a realização desta pesquisa. Assim como, a necessidade de construir um acervo histórico de dados sobre a cultura da capoeira na cidade, a partir de documentos orais e fontes iconográficas sobre as práticas corporais e culturais da mesma.

A cultura da capoeira

Para entender a Capoeira na perspectiva dos Estudos Culturais⁶ é importante fazer algumas observações sobre os conceitos de cultura. Para isso, corrobora-se com Veiga-Neto (2004) no que diz que a cultura e as relações de poder são indissolúveis, derivando dessas relações que é relevante culturalmente. O autor trata ainda que o poder é o centro das significações e identidades culturais. A partir disso, entende-se que a capoeira constitui-se por meio de tensas relações de poder e que mesmo na contemporaneidade, em que as formas de domínio são mais sutis, essas se mantêm ainda bastante explícitas, porém disfarçadas em discursos do tipo “filosofia de vida”.

Veiga-Neto defende que as culturas derivam das relações de poder “e o processo de significá-la é um artefato social permitido a permanentes tensões e conflitos de poder” (2004, p.40). Assim, o poder interpela as pessoas de diferentes formas tanto de formas positivas como negativas.

Assim, através da manifestação de seus corpos, esses sujeitos são agentes de uma cultura, se tornam ativos no interior dela, subvertendo as práticas impostas por determinado grupo social. A subversão de práticas de uma cultura hegemônica é fundamental no contexto da capoeira, pois essa se torna uma cultura ordinária também por meio da resistência física, social e moral.

Giard descrevendo o conceito de Certeau: “na cultura ordinária, diz ele, 'a ordem é exercida por uma arte', ou seja, ao mesmo tempo exercida e burlada” (GIARD in CERTEAU, 2008, p. 20). A partir do conceito de cultura ordinária (Certeau), entende-se que as práticas da capoeira são ordinárias, pois mesmo não sendo mais proibidas, mas ainda marginalizada, cria-se diálogos internos para poder burlar as ordens da sociedade.

A capoeira, mesmo na contemporaneidade se mantêm como espaço de fuga para seus praticantes, como forma de escapar das atribulações do mundo moderno. Isso fica explícito nas músicas da capoeira nas frases criadas pelos capoeiristas, um exemplo é a frase do mestre Tony

⁶ Esse trabalho insere-se no campo dos Estudos Culturais para pensar algumas especificidades da Educação Física e seus “conteúdos”, no caso desse estudo, a Capoeira. Sobre os Estudos Culturais, ver: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Vargas: “não há nada que uma boa roda de capoeira não possa curar”, ou seja, mesmo com todos os enfrentamentos, com toda a globalização da capoeira, para quem partilha dessa cultura, o ser Capoeira, continua sendo espaço de fuga, de escapismo, de subversão⁷. Assim, nessa lógica de subversividade é que se formam as culturas ordinárias.

Dessa forma, essa luta de resistência social inscrita no corpo do “capoeira”⁸ é manifestada pelo desejo de ser praticante, de lutar por um espaço social para essa cultura, de resistir aos preconceitos hegemônicos que se opõem a essa prática que se faz ordinária pela necessidade de burlar padrões que ditam normas na sociedade: “Meu corpo será apenas o texto que tu escreves sobre ele, significante indecifrável para qualquer outro que não tu” (CERTEAU, 2008, p. 232). Esse fragmento exprime uma situação de submissão que nos sugere uma necessidade de burlar a essa ordem buscando um espaço num contexto sócio cultural.

Entende-se que o mundo contemporâneo vive muitas crises que abalam a sociedade como um todo, mas age de forma particular no interior das culturas, para isso é importante apontar o que Veiga-Neto (2004) considera como crise: “um conjunto de *mudanças* culturais que tem como resultado o estabelecimento de novas percepções sobre a realidade e novas práticas sociais (...) de modo a mudar radicalmente nossa 'estabilidade interna' e nossas maneiras de perceber e significar o cotidiano” (p.44). Com isso, nota-se que as crises modificam as práticas culturais, assim levando ao entendimento de que a capoeira enquanto cultura também foi se constituindo por meio de crises estabelecidas no seu interior ou com fenômenos que abalam toda a sociedade.

Dentre as crises dessa prática cultural aponta-se com maior relevância a criação da Capoeira Regional, que veio abalar todo contexto da capoeira fazendo com que aconteçam movimentos de ruptura, assim como a necessidade de reafirmar a capoeira tradicionalmente já conhecida como Capoeira Angola, quando o que acontece realmente é a diversificação dessa prática cultural.

Após essas considerações com relação à cultura e de como se estabelecem as alterações dentro de um contexto cultural é importante entender como isso se deu propriamente na cultura da capoeira.

Ressignificações da prática da Capoeira

Este trabalho visa discutir às práticas culturais da capoeira a partir do conceito de “ressignificações⁹ das práticas culturais” entendendo que a capoeira é uma mistura das diferentes

7 Nesse trabalho entende-se a capoeira como um espaço de subversão a algumas lógicas existentes na sociedade, mas também às próprias lógicas da capoeira, por exemplo, pessoas que fazem da capoeira um meio de sobrevivência, dando a ela caráter empregatício, assim subvertem a capoeira praticada como vadiagem.

8 Ser praticante de capoeira.

9 Entende-se por resignificação atribuir a determinadas práticas culturais outros significados além daqueles já

culturas africanas, em maior parte da cultura Banto¹⁰. Assim, a capoeira surge como forma de expressar os desejos de liberdade e resistência dos negros escravizados, sentimentos que já não são mais tão explícitos, mas continuam intrínsecos nos sujeitos fazendo com que essa prática seja um espaço de manifestação corporal de resistência negra.

Considera-se importante para essa reflexão, à idéia de Frigério (1989) de que com a legitimidade e a sistematização a capoeira perdeu suas singularidades, de origem étnica, aderindo a elementos que a promoveram com relação às camadas superiores da sociedade (apud FALCÃO, 1995, p. 176). Assim, para que fosse incorporada alguma relevância à capoeira foi necessário que ela se tornasse uma prática também das elites, passando a fazer parte do cotidiano de brasileiros trabalhadores e estudantes, pois isso significava legitimar a capoeira na sociedade da época.

Com isso, pode-se perceber que a sistematização e a elitização da capoeira, que surgiu com a criação da Capoeira Regional contribuiu significativamente para a relevância da capoeira no contexto sócio-cultural do país, tornando-se assim, elemento importante na discussão das ressignificações da capoeira, pois acabam por emergir diferentes formas de praticar capoeira, o que contribui para a riqueza cultural dessa prática. Mestre Preá, aponta algumas considerações com relação as diferentes práticas corporais e culturais da capoeira:

Extinguiu essa parte marginal da capoeira, ela virou esporte, ela pegou e..., como é que eu posso dizer, ela sofreu vertentes né? Então depois da libertação, teve alguém que foi passar para a prática de acrobacias, outros queriam a capoeira mais leve, mais solta, mais jogada no chão, a capoeira mais rápida. Essa capoeira mais rápida é um estilo de capoeira Regional que foi criada por mestre Bimba, o que ele pegou? Ele pegou a capoeira que já estava achando uma capoeira ultrapassada, ele achava que aquela capoeira não teria futuro assim como luta, continuidade de arte marcial.. (SOUZA, 2010).

A partir dessas discussões Vieira e Assunção (2008) assim como Real (2004) consideram que contemporaneamente existam “capoeiras”, ou seja, as práticas das Capoeiras Angola e Regional, remodeladas e estilizadas de acordo com as subjetividades de seus praticantes. Pois os fatos indicam que as práticas atuais não são as mesmas cultuadas pelos escravos, que foram sendo ressignificadas ao longo dos anos de acordo com a subjetividade dos sujeitos.

Segundo Viera e Assunção (2008) mesmo antes da modernização, a capoeira não era homogênea e suas características variavam de acordo com os ensinamentos do mestre, pois existiam outros mestres na mesma época de Mestre Pastinha¹¹ que se diferenciavam do estilo dele. Essa heterogeneidade se nota já na época em que a capoeira não se definia por estilos,

estabelecidos. Significados esses que podem ser apenas pessoais, mas também que ganham uma amplitude social.

10 Mestre Bola sete diz que, “os primeiros escravos africanos ao chegar ao Brasil, e os que vieram em maior número, foram os negros bantos de *Angola* e também os que mais se distinguiram na prática da capoeira, da Bahia”. (BOLA, 2005).

11 Conhecido como o Mestre da Capoeira Angola.

garantindo assim a diversidade cultural dessa prática.

Vieira e Assunção (2008) defendem a necessidade de preservação da diversidade cultural da capoeira, respeitando os cenários de manifestação particular. Assim, aceitar que existam diversas “Capoeiras” e não apenas a “Capoeira” é uma forma de admitir que exista essa diversidade e de que a capoeira não precisa de denominações para existir, por que ela persiste independente das caracterizações dadas a ela, mesmo que para isso se aproprie de outras manifestações como a ginástica e o esporte.

Após surgir todo esse cenário da capoeira Regional, houve um “movimento de ruptura entre praticantes de capoeira, na cidade de Salvador” (FALCÃO, 2004, p. 159) alguns defendiam que a capoeira Regional era descaracterizada, enquanto que a capoeira que eles começaram a chamar de angola seria de raiz, verdadeira.

A partir dessas discussões passam a existir discursos mais emergentes, nascem algumas rupturas como a Capoeira de Rua e a Capoeira Contemporânea, a esses dois modelos somam-se, segundo Vieira e Assunção (2008) a chamada de Angonal, como termo depreciativo aos que não se intitulam. Além disso, existe um movimento contra a esportivização da capoeira e aos modelos implantados nas academias, que se chama de capoeira de rua. Contudo, por todo o país existem inúmeras formas de praticar a capoeira que não necessariamente tem que ser denominada. Quando interrogado sobre o que pensa dessas variações, mestre Preá respondeu:

isso ai é a perda da identidade, eu acho que não existe, angonal é pra quem pratica as duas angola e regional né? então como ele não pratica só angola ou só regional, ele pratica angonal, na realidade ele não é nenhum nem outro, né? então é a perda da identidade. Qual é o lado positivo, é realmente não abraçar e dizer que é regional e não ter um método dele de ensino aplicado a regional e não ta dando a capoeira regional. (SOUZA, 2010).

O que o entrevistado coloca como perda da identidade mais se aproxima da construção de uma nova identidade do que abandono de uma identidade fixa e única.

Essa disseminação das maneiras como podem ser praticadas as diversas capoeiras deve-se em parte a criação de Grupos, Ligas de capoeira, Confederações, que vão cuidar de propagar essa cultura por todo o território nacional e internacional. Assim, a capoeira passou a ser difundida em diversos espaços saindo do seu contexto original e ingressando em “academias, escolas, Universidades, palcos de Dança, competições de luta livre e até salas de terapia, multiplicou sentidos, significados, formas, maneiras de treinar e de jogar” (VIEIRA e ASSUNÇÃO, 2008, p.15).

É devido as ressignificações dadas a prática da capoeira que entende-se que atualmente não exista apenas a capoeira regional ou angola e sim *capoeiras* praticadas de acordo com o contexto social que essa cultura coloca.

Os instrumentos, os toques e as músicas são outros elementos que não se mantiveram

sempre intocáveis, foram sendo alterados, criados, recriados de acordo com os ideais que se instituíam e com as maneiras de ser e fazer a capoeira. Assim, esses elementos carregam características importantes dentro da roda, do jogo, da cultura da capoeira cada um com suas particularidades, mas com a mesma importância, sem eles não existe a roda, o jogo, a Capoeira. Aliás, é a musicalidade que diferencia esta prática das outras manifestações corporais relativas às lutas.

A roda de capoeira, local de encontro entre os capoeiristas tem origem na maneira como os negros escravos faziam seus rituais religiosos, se mantendo atualmente como espaço em que o capoeirista mostra seus conhecimentos das aulas, mas que também foi considerada apenas espaço de encontro para a vadiagem em que todos os processos de aprendizado e de ensinamento aconteciam sem intenção pedagógica, porém não deixava de existir ensino e aprendizado, essas relações aconteciam de maneira informal sem metodização. O local da prática da capoeira segundo CRUZ (2006, p. 31), “perdeu muitos de seus antigos rituais e preceitos” ao transferir a roda do terreiro para a academia, pois esses ritos são esquecidos e quando lembrados parecem ter pouco valor. Mestre Preá diz que: “muita coisa se perdeu, o valor do mestre, o valor do berimbau, o valor do cerimonial da roda de capoeira, que a roda e capoeira tem todo um ritual (SOUZA, 2010). Dentro da roda acontecem vários momentos os quais englobam inúmeros “rituais” ou que podemos chamar de fundamentos da capoeira, que são comandados pelo mestre ou pelo mais graduado que estiver na roda.

A roda de capoeira é o espaço de integração entre os capoeiristas, porém após as formações dos grupos de capoeira, passou a ser um espaço fechado, em que cada grupo promove a sua roda, que geralmente acontece dentro da sua academia e que por vezes conta com a participação de integrantes de outros grupos. Embora, na realidade capoeirística da cidade do Rio Grande encontra-se uma flexibilização dos espaços de realização das rodas.

Esses ritos são como uma linguagem da capoeira¹², e por vezes eles estão implícitos dentro da roda, são sinalizados pelo toque do berimbau, pela música que está sendo cantada ou por um simples gesto que o mestre faz na roda. Logo, para os capoeiristas estes têm que serem interpretados e acima de tudo respeitados.

A capoeira na cidade do Rio Grande e suas ressignificações

A partir de algumas observações e diálogos das rodas de capoeira e entrevistas feitas com alguns protagonistas da capoeira na cidade do Rio Grande, é possível ensaiar um breve

12 Isto é, comunicar-se através dos códigos do grupo que, na maior parte, não são explicitados verbalmente: aprende-se assistindo à roda e dela participando. Para mais, ver: ZONZON, s/d.

mapeamento histórico da capoeira na cidade, entendendo que esta não é absoluta e sim uma construção das memórias dessas pessoas.

Há indícios de que com a construção do Porto Velho em 1869, na cidade de Rio Grande, a partir das grandes embarcações que aqui aportavam haviam remotas práticas de capoeira na cidade, porém essas práticas não eram sistematizadas assim como afirma Pelegrinotti (2010): “Começou com ele [Sandoval], talvez até possa ter surgido alguém em algum navio que foi no porto ali, mas nunca que fez um trabalho de capoeira na cidade, pode ter vindo a passeio”.

As embarcações traziam escravos que eram distribuídos para o estado, segundo dados de um site do Rio Grande do Sul: “entre os anos de 1874 e 1884, era a sexta província com maior número absoluto de escravos”¹³. Sendo que a maior parte desses escravos ficavam no município vizinho a Rio Grande, Pelotas, devido as charqueadas que eram responsáveis pela economia da região. Quanto a isso, Souza (2010), descreve como a capoeira se dissipa no estado tendo o Porto de Rio Grande como principal fonte de acesso:

assim, para quem conhece a história, sabe que Rio Grande foi um dos maiores desembarques de negros, tudo aqui, é foi aqui, então tem uma história muito forte envolvida com a escravidão e a capoeira, então os maiores focos do Brasil foi aqui em Rio Grande, um dos maiores focos de desembarques de negros foi aqui, então havendo o que? Havendo é... práticas de capoeira muito cedo aqui, né?

Porém, mesmo sendo tão antigos os indícios de capoeira na cidade, ela vai ser sistematizada como capoeira e quando mestre Sandoval chega à cidade no início da década de oitenta. Assim, ele passa a ser o grande responsável pela prática da capoeira até final da década de noventa, mestre Sandoval ainda é muito respeitado na cidade pelos seus antigos alunos e pelos capoeiristas em geral, sendo apontado como um precursor da capoeira por Souza (2010), Pelegrinotti (2010) e Nascimento (2010).

A capoeira divulgada por Sandoval nas cidades de Rio Grande e Pelotas¹⁴, nos primeiros anos de trabalho agrega muitos praticantes, segundo Nascimento (2010), “em oitenta e seis (1986) ele batizou mais de duzentas pessoas” o que demonstra que seu trabalho foi bem sucedido, se comparado com os eventos atuais na cidade. Para obter tal sucesso ele reunia alguns de seus alunos graduados para irem até as escolas e apresentavam sua capoeira de grandes movimentações, assim atribuindo a prática elementos ginásticos que ficam claros também nas falas dos entrevistados Nascimento (2010) e Pelegrinotti (2010).

Durante anos é mestre Sandoval quem lidera a capoeira em Rio Grande, até que um de seus alunos, Vladimir Farias, já formado, resolve montar seu próprio grupo e passa fazer frente ao seu antigo mestre. Atualmente, os dois são citados como figuras importantes, alcançando o

¹³ Para mais, ver: <http://www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs_escravidao.html> acesso em 28 de maio de 2010.

¹⁴ Cidade vizinha, com distância de aproximadamente 50km.

reconhecimento no mundo capoeirístico, Sandoval pelo pioneirismo e Vladimir por ter rompido com o seu grupo e ter seguido no mundo da capoeira escrevendo a sua própria história.

Percebe-se que existe entre os capoeiristas um grande reconhecimento ao mestre Sandoval e aos antigos alunos dele, pois nos momentos anteriores as rodas, nas conversas eles são citados com admiração, embora por vezes surjam histórias de desavenças entre ele e seus alunos é lembrado com respeito. SOUZA, (2010), lembra de alguns nomes que marcam a capoeira na cidade do Rio Grande:

que marcaram a capoeira de Rio Grande, é mestre Sandoval, todo mundo conhece, né, chega pra qualquer um Sandoval, sei quem é, conheço, todo mundo conhece Sandoval, o Vladimir Farias, da época, e o Catito, o Huck o Derlon, esses são os que me vem a memória.

Segundo falas de alguns capoeiristas antes do começo de uma das rodas, em frente a Catedral São Pedro e na Avenida Rio Grande no Cassino acontecem rodas de capoeira com certa sistematização a pelo menos quinze anos. Mesmo depois de ter acabado o “modismo”, como se refere SOUZA (2010) ao grande desenvolvimento que essa prática corporal teve na cidade, o calçadão e a avenida continuam sendo espaços públicos em que eventualmente aos sábados e/ou domingos os capoeiristas se reúnem para praticar a capoeira.

As rodas de capoeira eram consideradas momentos “sagrados” pelos capoeiristas da cidade, no dia de roda na academia ninguém faltava, pois além de não ser permitido, era esse o momento pelo qual todos esperavam, pois os praticantes dos outros grupos iam visitar as rodas que aconteciam em dias alternados dos seus treinos. Assim, esse era um espaço de integração entre grupos e de apresentar as habilidades desenvolvidas durante as aulas, segundo Mestre Preá:

É, antigamente tinha o dia da roda de capoeira, tanto que nós íamos pra outro estado ou de repente tínhamos contato com outros grupos e nós perguntávamos pra eles: qual é o dia da tua roda? E hoje em dia, não! (...) A roda da capoeira, a roda pode ser a qualquer dia a qualquer lugar, qualquer aula. Não tem dia mais da roda de capoeira. Os grupos em si tinham, já pra ter a oportunidade de um grupo participar da roda do outro (SOUZA, 2010).

No parágrafo acima o entrevistado faz um contraponto entre uma das maneiras de se praticar a capoeira no passado e no presente na cidade de Rio Grande, o que reafirma a idéia de Real (2004) que diz ser inevitável que as práticas culturais não sejam modificadas ao longo do tempo.

Seguindo essa lógica observou-se também durante as rodas de capoeira que outros elementos não seguem como antigamente, em alguns grupos as vestimentas dos capoeiristas já não são padronizadas, já não se tem mais hora certa para começar uma roda, a hierarquia também já perdeu um pouco do seu valor. Enfim, os elementos, e os rituais da capoeira estão sendo ressignificados de acordo com a realidade social de seus praticantes, que não conseguem mais serem apenas capoeiristas, precisam ter outras atividades e outras funções para se manterem

na contemporaneidade.

tinha muito respeito, muito medo do mestre dos graduados, tinha que respeitar, então a disciplina era fundamental, disciplina, por que era, mestre cobrava muito, desde pontualidade. Era chegar na aula, as vestimentas, além de ser a calça padronizada, tinha que estar limpa. Então a apresentação do capoeirista era fundamental, não era porque era capoeirista que tinha que andar sujo, rasgado, então eu acho que a capoeira antigamente se perdeu muito alguns valores assim de respeito ao mestre, de respeito ao mais graduado, (...) muita coisa de tradição então se perdeu (...) A capoeira era muito mais mística, e voltada muito mais ao ritual da roda do que levantar a perna e jogar, tinha toda uma cerimônia (SOUZA, 2010).

Após a grande evasão que se deu de alunos nos grupos de capoeira, devido às tarefas pessoais e interferências sociais, tem sido difícil encontrar uma roda de apenas um grupo, normalmente os grupos de capoeira da cidade do Rio Grande tem se unido para levar adiante as atividades de divulgação dessa prática. Para isso, surgiu a União Riograndina de capoeira em 2009, com intuito de unir os capoeiristas, para que ajudassem a manter ativas as rodas de capoeira no Calçadão e na Avenida Rio Grande.

Nessas rodas normalmente a figura do mestre não se encontra presente, são professores ou graduados que tomam a iniciativa de avisar via internet o grupo de capoeiristas da cidade que, sem compromisso se reúnem para a “vadiagem”. Assim, essas são um exemplo de subversão a uma lógica da própria capoeira em que a roda seria organizada por um grupo, coordenada pelo seu mestre ou professor e todos ali presentes deveriam seguir as ordens e os ensinamentos dados por ele.

O que diferencia do que foi observado é que existe uma mistura de fundamentos e a roda passa a não ter um dono e sim vários donos, pois cada um se apropria dela de sua maneira. Porém isso produz um sentido, um significado novo para o próprio capoeirista e para as pessoas que virão a se inserir nessa cultura, essa nova forma que vai nascendo é apenas um jeito de praticar que não exclui os que já estão estabelecidos nem os que possam surgir.

Atualmente a capoeira na cidade conta em média com oito grupos, o que aponta para um alargamento, uma vez que segundo SOUZA (2010), na década de noventa existiam em média três grupos de Capoeira em evidência na cidade. Assim, é possível perceber que essa cultura vai ganhando amplitude, vai se disseminando conforme as pessoas vão rompendo com o velho e estabelecendo o novo, a partir das ressignificações feitas pelos capoeiristas que são interpelados por múltiplas relações, fazendo assim com que esses vão compondo-se de novos sujeitos e então buscando novas práticas, assim como os desdobramentos que podem ser feitos da cultura da capoeira.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, J.A, TAVARES, O. e SOARES, A.J.G. **Discursos identitários da capoeira na revista brasileira de ciências do esporte (RBCE)**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 171-185, set. 2008.

BOLA, S.M. **A Capoeira Angola na Bahia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. [artigo científico] s/d. Disponível em: <http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs_escravidao.html>. Acesso em: 28 maio 2010.

CRUZ, J.L.O. **Capoeira Angola do iniciante ao mestre**. Salvador: EDUFBA e Pallas, 2006.

FALCÃO, J.L.C. **O processo de escolarização da capoeira no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.16, n.3, p.173-182, maio 1995.

____; **Para além das metodologias prescritivas na Educação Física: a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação Profissional**. Revista Pensar a Prática, v.7, n.2, p.155-170, jul/dez.2004.

NASCIMENTO, V.R.A. **Entrevista concedida a Carolina de Souza Amaral sobre a capoeira na cidade do Rio Grande**. Rio Grande, 17/07/2010.

OLIVEIRA, J.P e LEAL, L.A.P. **Capoeira identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PELEGRINOTTI, M.A.G. **Entrevista concedida a Carolina de Souza Amaral sobre a capoeira na cidade do Rio Grande**. Rio Grande, 17/10/2010.

SILVA, T.T. **O que é, afinal, Estudos Culturais**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, A. N. A. **Entrevista concedida a Carolina de Souza Amaral sobre a capoeira na cidade do Rio Grande**. Rio Grande, 30/04/2010.

VEIGA-NETO, A. **Michel Foucault e os Estudos Culturais**. In: COSTA, M. V. **Estudos culturais em educação**. 2ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

VIEIRA, L.R, ASSUNÇÃO, M.R. **Os desafios contemporâneos da Capoeira**. Revista Textos do Brasil, n°14, p.10-19, s/d.

ZONZON, C.L. **A roda da capoeira angola: os sentidos em jogo**. [artigo científico] s/d. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp047898.pdf>>. Acesso em: 03 dezembro 2009.